

UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Daiana de Andrade Matos¹
Marco Antonio Tomasoni²

Resumo: Neste estudo, compartilhamos nossa experiência na criação de práticas artísticas de aprendizado como recursos para abordar a temática das bacias hidrográficas em Geografia. Detalhamos minuciosamente os procedimentos adotados e os resultados alcançados, submetendo-os a uma análise à luz de teorias pedagógicas e fenomenológicas. A partir das vivências experimentadas, torna-se evidente que proporcionar aos estudantes uma perspectiva geográfica por meio de exercícios que exploram o aspecto lúdico, através da aplicação de práticas artísticas no ensino, como jogos teatrais, estímulos à percepção, imaginação e criação, demonstraram ser estratégias valiosas no processo de ensino e aprendizado.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Bacia Hidrográfica; Práticas artísticas.

USE OF ARTISTIC PRACTICES IN TEACHING GEOGRAPHY

Abstract: In this study, we share our experience in creating artistic learning practices as resources to address the theme of river basins in Geography. We detail in detail the procedures adopted and the results achieved, subjecting them to an analysis in the light of pedagogical and phenomenological theories. From the experiences experienced, it becomes evident that providing students with a geographical perspective through exercises that explore the playful aspect, through the application of artistic practices in teaching, such as theatrical games, stimulation of perception, imagination and creation, proved to be valuable strategies in the teaching and learning process.

Keywords: Teaching Geography; Hydrographic Basin; Artistic practices.

INTRODUÇÃO

Quando se trata de um ensino lúdico de Geografia, especialmente de Geografia Física, frequentemente recorremos a abordagens que se aproximam do campo criativo. Especificamente no ensino relacionado às bacias hidrográficas, é comum tentarmos representá-las por meio de maquetes, realidade aumentada, ou usando pinturas e colagens de linhas coloridas para sinalizar e auxiliar na memorização dos afluentes e demais elementos. O resultado estético é satisfatório e, acreditamos que o uso dessas ferramentas promova a construção de alguns conhecimentos. Esses caminhos formativos comumente utilizados, obviamente, não são os únicos possíveis e há muitas formas de fazê-los. Aqui, apresentaremos algumas experimentações de

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: daiana.geo@outlook.com

² Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: tomasoni@ufba.com

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, este estudo se caracteriza como pesquisa-ação (ELLIOTT, 1991). Essa abordagem metodológica coletiva favorece a divulgação e a geração colaborativa de conhecimento específica a partir da realidade vívida, evitando a fragmentação causada por estruturas hierárquicas e divisões por especialidades no cotidiano (GILL, 2010; MINAYO, 2010; SEVERINO, 2007).

O percurso metodológico segue uma abordagem qualitativa que emprega o método de observação participante. É importante destacar que este trabalho adota uma abordagem fenomenológica e se baseia na geograficidade (DARDEL, 2015) e na intersubjetividade como proposta metodológica para o ensino de Geografia. Até o momento, o desenvolvimento do trabalho dividiu-se nas seguintes etapas:

1- Organização da parte burocrática para a execução da pesquisa - Nesta etapa, buscamos as devidas autorizações junto ao Núcleo Territorial de Ensino (NTE-06) e à Unidade Escolar, com o objetivo de realizar a pesquisa. Esse processo foi formalizado mediante a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2- Seleção de alunos para participar do projeto – Com a colaboração dos docentes da mencionada instituição, procedemos à seleção dos discentes com base em critérios de disponibilidade e interesse pela temática. Abrangemos estudantes residentes tanto em áreas rurais quanto urbanas, contemplando os três níveis de formação disponibilizados pela referida unidade escolar. Inicialmente, planejamos trabalhar com um contingente de dez alunos; entretanto, devido à expressiva demanda de outros interessados, constituímos um grupo composto por 27 discentes.

3- Realização de grupos focais - Realizamos cerca de nove encontros presenciais com o objetivo de debater as temáticas que pudessem incentivá-los a compartilhar suas experiências na Bacia. Posteriormente, utilizamos essas discussões como base para a elaboração de itinerários, exercícios e construção de projetos, conforme detalhado no Quadro 01.

4- Realização de itinerários - Conduzimos a exploração de três itinerários ao longo dos córregos urbanos municipais, adotando uma abordagem que não se restringiu à mera observação dos aspectos visíveis. Nosso enfoque abrangeu a investigação das memórias, percepções e significados associados, em busca de uma interpretação mais abrangente da paisagem.

5- Estímulos à percepção e imaginação a partir da observação da paisagem – Através das caminhadas, exploramos a vivência do espaço público, utilizando imersões como experiências que visam incentivar a percepção e a imaginação, com o objetivo de criar comunicações que possam transformar-se em intervenções artísticas urbanas. Para isso, os alunos elaboraram projetos, e obtivemos a autorização necessária da Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente (SEDPLAM) para executá-los nos espaços públicos. No momento, estamos na fase de implementação dessas iniciativas.

Quadro 01. Percurso cronológico de atividades desenvolvidas

DATA	ATIVIDADE REALIZADA	MODALIDADE
31/01/2023	Organização da parte burocrática necessária para iniciar atividades.	REMOTA
10/04/2023	Apresentação do Projeto para as escolas	REMOTA
12/04/2023	Seleção de alunos para participar do projeto	PRESENCIAL
18/04/2023	Grupos focais - Dois turnos.	PRESENCIAL
20/04/2023	Grupos focais - Dois turnos.	PRESENCIAL
23/04/2023	Grupos focais e organização do primeiro trabalho de campo	PRESENCIAL
23/04/2023	Organização para o itinerário: Professores, percursos, materiais, documentação.	PRESENCIAL
24/04/2023	1º itinerário	PRESENCIAL
02/05/2023	Grupos focais - Avaliação do percurso e Criação dos Grupos de WhatsApp	PRESENCIAL
04/05/2023	Organização para o segundo itinerário: Professores, percursos, materiais, documentação.	PRESENCIAL
08/05/2023	2º Itinerário	PRESENCIAL
11/05/2023	Atualização das listas de alunos que participaram do projeto.	REMOTA
17/05/2023	Atualização de dados dos alunos.	REMOTA
19/05/2023	Grupos focais : Dois turnos. Avaliação do trabalho de campo e discussão sobre possíveis diálogos com a comunidade.	PRESENCIAL
26/05/2023	Grupos focais : Dois turnos. Elaboração de projetos artísticos.	PRESENCIAL
02/06/2023	Grupos focais : Dois turnos. Avaliação projetos artísticos e sensibilização para o Viveiraço.	PRESENCIAL
05/06/2023	Participação do Viveiraço	PRESENCIAL
07/06/2023	Elaboração de rótulos e projetos de arte para possíveis intervenções artísticas urbanas.	REMOTA
07/07/2023	Grupos focais : Dois turnos. Avaliação dos rótulos e desenhos.	PRESENCIAL
14/07/2023	Grupos focais : Dois turnos. Ensaio da apresentação e ajustes nos rótulos.	PRESENCIAL
21/07/2023	Grupos focais : Dois Turnos. Ensaio da apresentação e criação de logomarca.	PRESENCIAL
26/07/2023	SEDPLAM- Apresentação das propostas de intervenções artísticas urbanas e ensaio da apresentação.	PRESENCIAL
07/07/2023	Ensaio da apresentação	PRESENCIAL
10/07/2023	Apresentação da apresentação	PRESENCIAL
25/08/2023	3º Itinerário	PRESENCIAL

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023

6- Elaboração de práticas artísticas de aprendizado e ensino – Com base nos resultados obtidos nas caminhadas, elaboramos um roteiro destinado a uma apresentação que incorpora elementos das linguagens teatrais e de performance. Posteriormente, conduzimos ensaios e realizamos a apresentação nas dependências da instituição de ensino. Após a apresentação teste, procedemos à avaliação criteriosa da atividade realizada, buscando ajustar os roteiros e rótulos. Adicionalmente, refletimos sobre as possibilidades de replicá-la em outros ambientes da cidade de Presidente Tancredo Neves e regiões circunvizinhas.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Dozzena (2020, p. 9) nos recorda que Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, em suas produções que culminaram no livro "O Mapa e a Trama", nos instiga a compreender que, desde o clima até a literatura, a arte permeia todos os aspectos. De acordo com o autor (Idem anterior), na interação da arte com os espaços, somos levados a reconhecer a presença da geografia em tudo o que representa, emociona e cultiva a imaginação.

Ao folhear os livros de geografia, sejam eles escolares ou acadêmicos, é possível perceber nos cartogramas, mapas e fotografias que, embora possuam requisitos técnicos para sua elaboração, não deixam de buscar inspiração estética nas artes visuais. Perfis de relevo desenhados por Humboldt e modelados representados por Monteiro, exemplificam essa fusão. A professora Dirce Suertegaray

(2008) ressalta que imagens são recursos essenciais nas pesquisas e aulas de grandes mestres da Geografia, à medida que facilita a compreensão dos conceitos ao ilustrar e complementar manuais e pesquisas. Para Eduardo Marandola (2010):

A arte, assim como a Ciência, também brota da relação orgânica do homem com o meio, e por isso é tão importante para geografia. Nas manifestações artísticas estão inscritas geografias da mesma forma que foram necessárias geografias para concebê-las. Tanto o conhecimento existencial do artista quanto as referências culturais estão embebidos de geograficidade, pois esta é inalienável do ser humano [...]. (MARANDOLA JR, 2010, p.22).

Nesse mesmo sentido, Brito e Serpa (2020) destacam a importância da dimensão vivida tanto para artistas quanto para geógrafos, ressaltando a necessidade de experimentar os lugares para compreendê-los e representá-los adequadamente. O conhecimento geográfico, portanto, participa da elaboração de textos, imagens, sons, vídeos – é o que a arte revela ao homem sobre sua condição humana, sua vida. Além disso, a geografia consegue dialogar com êxito com a arte e se beneficiar dessa relação.

No livro "O Teatro Invadindo a Cidade", parte de uma trilogia do autor baiano Marcelo Sousa Brito (2012), ator e diretor teatral, estimula moradores de uma pequena cidade a ocupar os espaços públicos através de ações cênicas. Sem pretensão de realizar experimentos artísticos, o autor provoca os moradores, através da presença e ocupação do espaço público, a pensar a cidade e interferir no cotidiano das pessoas que ali vivem. Como uma suspensão na ordem estabelecida, o artista pesquisador se arrisca, mas não deixa a provocação de lado e traz uma contribuição importante para quem trabalha com ensino ou em instituições educacionais do ensino não formal de práticas artísticas, mas também a geógrafos/as, arquitetos, urbanistas e cientistas sociais.

Diante das argumentações e exemplo, pode-se avaliar, como nos recorda Gaston Bachelard (1998), que a arte e a palavra podem nos ajudar a apreender o real, à medida que comunicam com precisão e encantamento as mais variadas questões e, por isso, esta pode ser uma ferramenta potente sobretudo para o ensino. Como tão bem defendeu Dardel: "O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto amparo e medida." (Dardel, 2015, p. 3).

É sabido que a utilização de práticas artísticas de aprendizado e ensino, jogos teatrais, estímulo à percepção, criação e imaginação sempre foram recursos utilizados como parte lúdica de metodologias de aprendizado (Kaercher,2004b). Elaboraões de desenhos, encenações de fatos históricos, dramatizações com base em algum conteúdo, de uma forma ou de outra, educadores das mais diversas disciplinas recorrem a arte como meio de facilitar o aprendizado, tornando a absorção de assuntos mais eficaz e duradoura.

Nesse sentido, este trabalho inspira-se em autores como Marcelo Brito (2012, 2017, 2023), Ana Fraga (2022) e Adriano Fonseca (2018). No entanto, é necessário destacar que aqui, as práticas foram utilizadas de forma amadora, pois não temos formação e recursos mais aprofundados ligados às técnicas e estilos tanto de criação quanto de interpretação, que são especificidades de outras áreas do saber. Apesar disso, creio que as experiências que serão aqui relatadas são interessantes e podem ajudar na construção de conhecimentos geográficos escolares.

Portanto, quanto aos aspectos metodológicos, buscamos aproximar a teoria da realidade dos estudantes, suas concepções, sentimentos e anseios. Na medida em que propomos essa abertura, que bebe de outras fontes para além da arte, contribuimos para que os educandos entendam o mundo e suas constantes transformações. Nesse projeto, as geografias vividas aparecem nas imagens produzidas pelos estudantes e na apresentação idealizada e executada.

Na execução desses exercícios, mobilizamos os conceitos de lugar e paisagem, com o propósito de estimular a narrativa de vivência pelos alunos, estabelecendo conexões entre essas vivências e a compreensão do espaço geográfico. De acordo com a BNCC (2018), essas categorias analíticas são fundamentais para a análise geográfica escolar.

Em resumo, a arte e a geografia dialogam de maneira rica e produtiva, proporcionando não apenas uma compreensão mais profunda do mundo, mas também uma experiência transformadora. Através das práticas artísticas, a ciência ganha vida e revela as geografias vivenciadas e compreendidas pelos estudantes, contribuindo assim para a construção de conhecimentos geográficos de forma criativa e envolvente. Ao explorarmos a convergência entre esses campos do saber, podemos transitar por lugares de liberdade e criatividade interpretativa (Gomes, 2020).

PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO ENSINO DE BACIAS HIDROGRÁFICAS

Em 18 de abril, iniciamos as atividades com os alunos do CEMXAR. Após discussões iniciais nos grupos focais para avaliar as experiências vivenciadas pelos estudantes na Bacia Hidrográfica do Rio Una, Bahia, propusemos a elaboração coletiva de um roteiro de campo em conjunto com os alunos. O objetivo era observar as questões previamente discutidas, com a particularidade de que o percurso deveria ocorrer exclusivamente dentro do perímetro urbano do município. No entanto, esse requisito trouxe uma questão importante que foi levantada pelos alunos: como poderíamos observar bacias hidrográficas se não há rios dentro da cidade?

Diante desse questionamento, instigamos os alunos a ponderarem sobre tal observação à luz dos apontamentos teóricos de estudiosos renomados, como Tundisi (2003) e Tucci (1997). Nosso objetivo era que compreendessem que uma bacia hidrográfica vai além da existência de drenagens perenes. Adicionalmente, desafiamos a reflexão sobre a possível existência de córregos na cidade. Como resultado, apenas um aluno conseguiu identificar um córrego urbano, conhecido como o córrego do Chafariz de Frizo. Também ressaltamos a presença do córrego que atravessa o Vale do Aécio, embora todos o classificassem como esgoto. Na perspectiva deles, a cidade não abrigava rios.

A cidade de Presidente Tancredo Neves é cortada por pequenos córregos (Figura 2). No entanto, os trajetos desses pequenos riachos foram parcialmente alterados, canalizados e soterrados. O que se torna visível à superfície é um fluxo de água, que exala um odor característico e apresenta tonalidades bastante diferentes das de água potável. Nestes córregos de pequeno porte, os efluentes urbanos são despejados sem passar por qualquer tipo de tratamento.

Figura 2. Hidrografia da área a ser visitada em campo.

HIDROGRAFIA DO PERÍMETRO URBANO DE PRESIDENTE TANCREDO NEVES, BAHIA



Fonte: SRTM, NASA (2000). Elaborado pelos autores, 2023

Um aspecto intrigante observado durante essas discussões é a falta de reconhecimento dos pequenos córregos, tanto na cidade quanto no campo, como rios. Além disso, esses cursos d'água carecem de denominação. Esse fenômeno nos remete ao ditado popular: "se não existe um nome, não existe a coisa." Diante disso, iniciamos um exercício de atribuir nomes a esses cursos d'água.

Os resultados dos grupos focais, somados aos conhecimentos vivenciados pelos alunos na cidade, imagens de satélite (RapidEye, Landsat) e a planta urbana de Presidente Tancredo Neves (SEDPLAM, 2023), nos permitiram criar um roteiro de observação em campo. Esse itinerário sociofísico se baseia na noção de "lugar itinerante" e "lugar radiante" apresentada pela professora Lívia de Oliveira (2014). No primeiro conceito de lugar, mesmo estando imóveis, reconstruímos possibilidades de caminhos a serem percorridos até os limites do desconhecido na própria cidade. Para o lugar radiante, recorreremos ao espaço enquanto consciência (Oliveira, *idem anterior*, p.7). O objetivo era explorar as paisagens dos lugares por eles vividos, acessar suas memórias para enxergar coisas que sempre estiveram ali, mas que não eram observadas.

Realizamos três itinerários na cidade. Um deles com alunos residentes na área urbana e outro com alunos da cidade e do campo e outro com a participação da equipe da SEDPLAM. O primeiro e segundo itinerários foram realizados, permitindo-me explorar as possibilidades de um ensino de Geografia baseado na geograficidade e intersubjetividade. Experimentamos uma proposta diferente, para mim, e para os alunos.

Conduzimos três itinerários pela cidade, sendo um deles com alunos residentes na área urbana, outro envolvendo alunos da cidade e do campo, e um terceiro com a

participação da equipe da SEDPLAM. Os dois primeiros itinerários nos permitiram explorar as potencialidades de um método de ensino em Geografia fundamentado na geograficidade e intersubjetividade. Essa abordagem representou uma experiência inovadora tanto para mim, quanto para os alunos.

Durante as atividades de campo, o conhecimento vivencial e científico veio à tona. Ao seguir um itinerário construído coletivamente e aberto a mudanças, sem conteúdo programático fixo, as questões surgiam organicamente à medida que avançávamos. De acordo com os relatos dos alunos, a caminhada não apenas revelou uma cidade desconhecida, mas também como as concepções vividas sobre as coisas são estruturadas e construídas, abrindo possibilidades para explorar a geografia (humana e física) de maneiras diversas.

Como desdobramento, os alunos compartilharam a sensação de terem conhecido uma outra cidade, situada à margem dos lugares por onde transitavam diariamente. Agora, estavam familiarizados com os rios urbanos e conscientes dos problemas socioambientais associados às áreas que percorremos.

No encontro subsequente ao itinerário, diante da surpresa dos alunos ao "descobrirem" os rios, estes manifestam o desejo de comunicar à população a existência dos rios urbanos e expor a situação em que se encontram. Diante disso, surgiu a ideia de realizar comunicações artísticas com o intuito de chamar a atenção das pessoas que transitam próximo a esses locais, marcando tanto a paisagem quanto as consciências.

A partir disso, discutimos as impressões do campo e socializamos a possibilidade de concretizar as comunicações sugeridas pelos alunos. Nesse momento, a turma do vespertino propôs a criação de placas a serem instaladas próximas aos córregos. Para eles, essas placas conteriam informações como: "Aqui passa um rio!", "Estou poluído, mesmo assim ainda sou um rio!". Avaliamos essas sugestões como bastante interessantes.

O professor de artes que participou de vários momentos do projeto e já havia realizado algumas intervenções urbanas, começou a sugerir que pendurássemos garrafas de água nas árvores da praça do centro da cidade, contendo informações sobre os rios urbanos. Diante dessa ideia, surgiu a seguinte questão: como utilizar garrafas plásticas e materiais poluentes para realizar uma intervenção com cunho ambiental? Deveríamos considerar o uso de garrafas de vidro? Essas são questões importantes a serem ponderadas para garantir que a intervenção seja coerente com a mensagem que desejamos transmitir.

A partir da ideia das garrafas, recordamos a exposição fotográfica e performance "Pão", da artista plástica Ana Fraga (2022). Na abertura da 64ª edição do Salão de Artes Visuais da Bahia (2022), a artista realizou uma performance durante o coquetel do evento, vestida como os garçons que serviam. Ela percorria o salão segurando uma bandeja com um pão no formato do território brasileiro, oferecendo um pedaço do Brasil ao público presente.

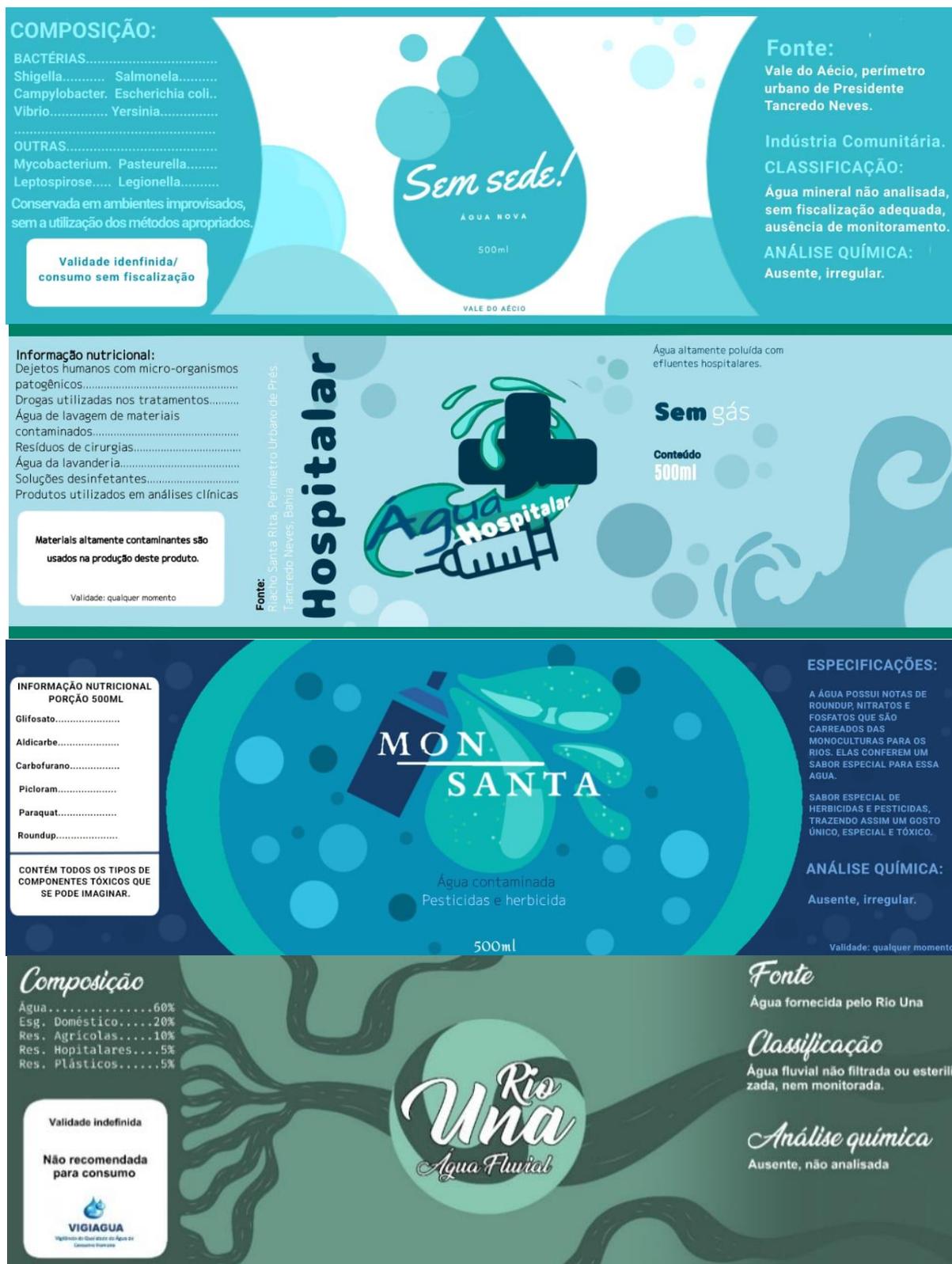
Inspirados por essa performance, optamos por transpor alguns desses elementos para o nosso exercício, que se inspirava na linguagem da performance. A ideia era criar um estande de experimentação das águas da Bacia do Rio Una. Planejamos desenvolver rótulos para algumas dessas águas e colocá-las em um expositor para oferecê-las aos alunos e funcionários da escola.

Apresentada a proposta aos alunos, eles a aprovaram imediatamente e se dividiram em grupos para estruturar a ideia: criação dos rótulos das águas, construção do texto da apresentação, atuação e registro da atividade. A elaboração dos rótulos demandou algumas semanas, dadas outras atividades, demandas escolares e o

recesso junino. Os alunos criavam os rótulos e textos, aprimorando-os por meio de conversas pelo *WhatsApp*.

Ao término do processo, optamos por selecionar quatro águas que sintetizassem a Bacia do Rio Una e seus desafios ambientais: Sem Sede, Hospitalar, Monsanto e Rio Uma (Figura 03). Duas delas representam córregos urbanos, uma reflete os córregos rurais e a última simboliza o Rio Una em sua foz. Os alunos elaboraram o texto da apresentação, simulando a abordagem de um sommelier de água. Seguindo o roteiro, o aluno oferece e explana as características distintivas de cada água, destacando o que a torna única e peculiar. Durante o diálogo, conforme revelado nos rótulos, são abordados temas como despejo de esgoto, dissolução de insumos agrícolas nos corpos hídricos e a amalgamação dessas questões na água que representa a foz.

Figura 3. Rótulos criados e escolhidos pelos alunos participantes do grupo focal



Fonte: Itauana Ribeiro, Guilherme Santos, Caio Oliveira e Kaio Paixão, 2023.

Antes das apresentações, conduzimos experimentos com sucos artificiais que pudessem simular os poluentes presentes nas águas (Figura 04). Após um ensaio,

diante dos resultados obtidos, os alunos concluíram que as pessoas com as quais interagiriam dificilmente se sentiriam inclinadas a experimentar a água se ela apresentasse uma coloração diferente. Por esse motivo, optamos por utilizar garrafas de água mineral lacradas, assegurando que os abordados pudessem permanecer na apresentação e ouvir todo o relato sobre as questões socioambientais da Bacia Hidrográfica do Rio Una (BHRU).

Figura 4. Experimentos de simulação de poluentes



Fonte: Trabalho de campo, 2023

A apresentação ocorreu em 10 de agosto de 2023, nos turnos matutino e vespertino, como parte do evento dos projetos estruturantes da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Durante esse evento, contamos com a participação do público escolar e de visitantes que vieram prestigiar os estudantes. Montamos um estande na área externa do colégio, onde interagimos ativamente com os alunos e visitantes (Figuras 05 e 06).

Figura 5- Estande de degustação da apresentação “Água”



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Figura 6- Águas rotuladas para a apresentação



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Ao observar as reações do público que interagiu com a apresentação dos alunos, percebemos expressões de nojo, repulsa e um completo desconhecimento sobre o destino dos resíduos que produzimos e a situação ambiental dos mananciais. Muitas pessoas que participaram da interação com os alunos chegaram a cuspir a água, derramá-la nos canteiros e até mesmo abandonar o estande, manifestaram diversas reações. Posteriormente, os alunos responsáveis pela apresentação das águas relataram que, como resultado da experiência, reduziram o consumo de água, impactados pelas lembranças dos rótulos.

Os alunos interagiam com naturalidade, utilizando cartogramas da hidrografia local e regional para indicar os locais fictícios de extração das águas. A partir dessas apresentações, com muitas adaptações e improvisações nos roteiros, era possível notar os conhecimentos vividos pelos alunos, bem como aqueles que foram construídos por meio do projeto. Durante o evento, surgiam informações sobre a Bacia do Rio Una, sua geomorfologia, drenagens, e análises espaciais sobre como vivemos nesse espaço compartilhado e como isso impacta nos corpos hídricos e na natureza. Os discentes também expressavam a urgência de ações por parte da gestão pública e chamavam a atenção das pessoas para a necessidade de um posicionamento coletivo para pressionar os gestores.

Com base nos resultados descritos, acredito que o exercício alcançou sua finalidade de dialogar com a população sobre as questões socioambientais locais de maneira lúdica, sensível e didática. Além disso, ao avaliá-los individualmente, a construção de todo o processo ajudou a sistematizar e aprofundar as discussões, uma vez que, para sua elaboração, os alunos precisaram realizar pesquisas para fundamentar o roteiro e os rótulos.

Ao encerrar a apresentação, os alunos manifestaram o desejo de montar o mesmo estande na praça do centro da cidade, assim como levar a apresentação para a cidade de Valença, expondo as águas às margens do Rio Una. Essas etapas ainda não foram executadas, mas só de pensar em sua realização, percebemos que a atividade estimulou a capacidade de imaginar e projetar outras possibilidades de diálogos.

Concomitantemente à elaboração e execução da referida apresentação, exploramos a ideia de criar placas e sinalizações para dois locais específicos: Vale do Aécio Neves (Figuras 07) e Chafariz de Frizo (Figura 12). Os alunos compartilharam a preocupação de que as placas poderiam ser retiradas e vandalizadas, considerando o grafite como uma alternativa mais duradoura. Também foram expressas preocupações sobre a segurança na execução desses exercícios, levando em conta a responsabilidade dos educadores.

Nesse processo, o professor de artes dialogou com os alunos sobre nossas preocupações e sobre o quanto essas questões descaracterizam os princípios que envolvem essas vertentes das artes. No entanto, por se tratar de um exercício escolar, decidimos priorizar a minimização de problemas e, acima de tudo, a segurança dos envolvidos.

Para a intervenção planejada no Vale do Aécio Neves (Figura 07), os alunos sugeriram que pintássemos uma árvore no asfalto para indicar o que deveria existir no local. A partir dessa sugestão, provocamos a ideia de, ao invés de pintar árvores sob o asfalto, desenhar um rio sobre o asfalto, indicando por onde passava antes mesmo da existência da pavimentação.

Figura 7. Local onde será grafitado o rio



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Para executarmos a intervenção artística, os alunos desenvolveram projetos para reproduzirmos no asfalto. Os desenhos deveriam ser simples e fáceis de serem executados, tendo em vista que fecharíamos uma avenida importante para sua execução. Foram estes os projetos elaborados até o momento:

Figura 8- Projeto do aluno Andrei Conceição.



Figura 9- Projeto da aluna Camile Mangabeira.



Figura 10- Projeto do aluno Atanael Fagundes.



Figura 11- Projeto da aluna Camile Mangabeira.



Fonte: Trabalho de campo, 2023.

De modo concomitante, os alunos queriam fazer alguma intervenção na área do Chafariz de Frizo. Em discussão conjunta, os discentes sugeriram esculturas e placas. O professor de artes, Adriano, sinalizava as implicações de cada escolha, dado a interação com as comunidades locais. Para ele, deveríamos pensar em algo mais fixo, duradouro e prático, embora toda arte urbana seja efêmera e esteja sujeita a outras interações. A partir disso, a aluna Camilly, deu a ideia de grafitarmos o chafariz. A ideia agora era construir um projeto para o grafite.

Figura12. Local da intervenção do Grafite



Fonte: Trabalho de campo, 2023

O professor de artes forneceu orientações quanto às considerações essenciais para a concepção do projeto: tempo de execução, materiais e técnicas a serem utilizados, como desenho à mão livre, *transfer*, grafite, lambe, entre outros. Os alunos foram instruídos a analisar essas questões ao conceber o projeto.

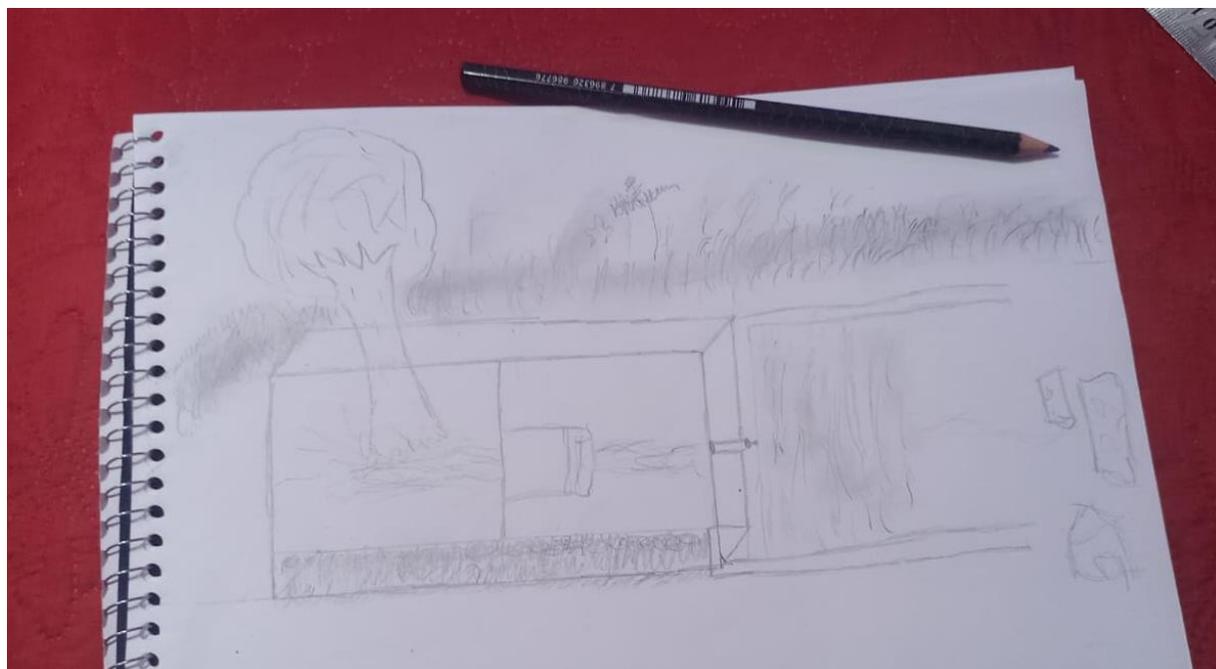
Inspirados pela ideia do grafite, consideramos a proposta de recobrir a caixa de concreto com uma simulação de copas de árvores, indicando o que deveria existir no local, respaldado inclusive pelo Código Florestal (Lei nº 12.651/12). Com a aprovação da sugestão no grupo do *WhatsApp*, os alunos elaboraram os seguintes projetos (figuras 12, 13 e 14).

Figura 12. Projeto de intervenção artística elaborado por Kaysson Leite



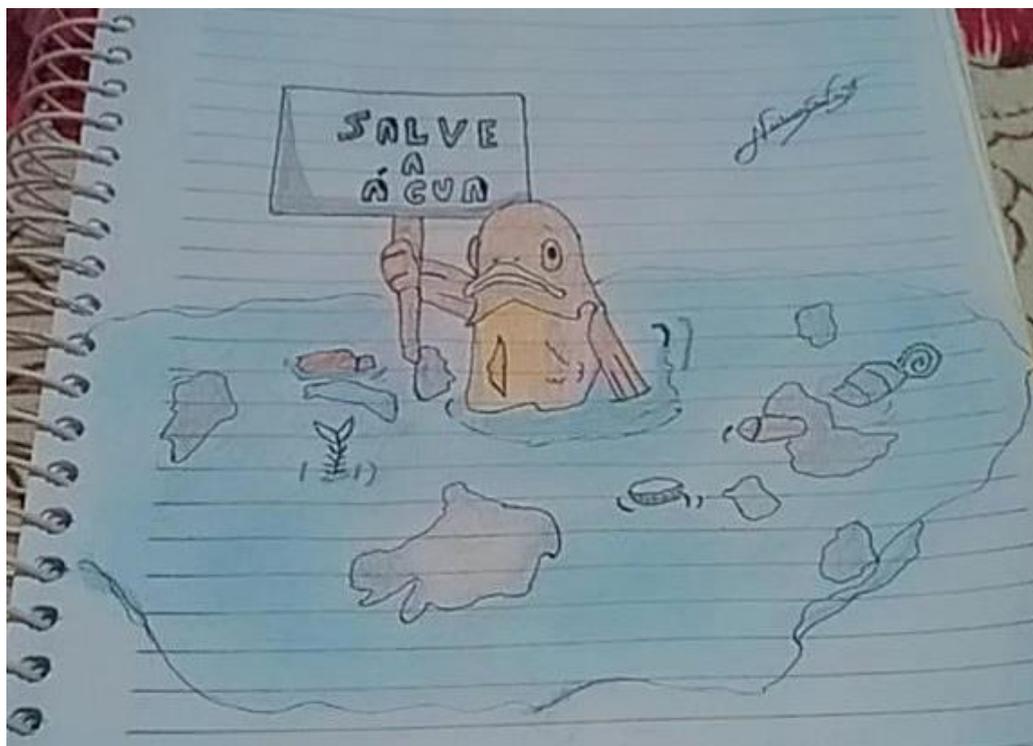
Fonte: Kaysson Leite, 2023.

Figura 13- Projeto de intervenção criado por Nadisson Santos



Fonte: Nadisson Santos, 2023.

Figura 14- Projeto de intervenção artística criado por Nadisson Santos



Fonte: Nadisson Santos, 2023.

Coletivamente, realizamos uma votação para escolher o projeto a ser executado. Diante da escolha do projeto de Kaysson, começamos a considerar as dificuldades para sua execução. Em uma reunião com os alunos, surgiu a ideia de transformar o projeto em um grande lambe, o que nos permitiria passar menos tempo fora da escola. Além dos projetos ilustrados neste trabalho, houve uma grande quantidade de frases e desenhos individuais gerados no processo. Para contemplar todos os alunos, decidimos que cada pessoa faria um lambe, marcando assim a paisagem da cidade ao colocá-los em postes e locais permitidos.

Após a definição dos desenhos e tipos de intervenções, agendamos uma reunião com a SEDPLAM para solicitar apoio e liberação para a execução do projeto. Alguns alunos me acompanharam até a Secretaria e apresentaram suas propostas. Estas foram aceitas, e a secretaria comprometeu-se a ajudar com a segurança e oferecer suporte para a execução. Vale ressaltar que, até o momento, não realizamos as intervenções dos grafites devido a dificuldades de agenda.

De forma preliminar, por meio dos processos de elaboração da apresentação "Água" e dos projetos para a execução das futuras intervenções, foi possível perceber que, tanto na escolha de um tipo de prática artística, quanto na elaboração dos projetos a serem executados, foi necessário mobilizar uma série de conhecimentos geográficos e transdisciplinares, fomentando a liberdade de expressão e criatividade. Dentre esses conhecimentos, destacamos a necessidade de compreender o espaço, com suas características socioambientais. Além disso, o trabalho de campo se mostrou uma atividade fundamental para pensar as propostas realizadas, considerando as características espaciais e sociais dos bairros onde as intervenções serão feitas, a fim de que a linguagem utilizada comunique e interaja com aqueles que ali residem/transitam.

Os conhecimentos práticos relacionados à escala foram fundamentais para gerar propostas que pudessem ser replicadas no espaço real. Como exemplo, o processo de elaboração desses desenhos foi acompanhado de medições da Rua do Aécio Neves e do Chafariz de Frizo. No mesmo contexto, os alunos estão em processo de produção de lambes e cartazes para aplicá-los em locais específicos, verificados em campo.

No âmbito dos conhecimentos transdisciplinares, o projeto exigiu trabalho em equipe, diálogo com instituições, pesquisa sobre técnicas artísticas, cores, materiais e estratégias de execução. Além disso, o grafite frequentemente se relaciona com questões sociais e culturais, demandando um entendimento interdisciplinar para transmitir mensagens experimentais por meio da arte urbana.

Os resultados da performance e dos projetos de intervenções artísticas indicam que o estudo/ensino de bacias a partir de preceitos fenomenológicos ajuda a ler as geografias dos sujeitos envolvidos, promovendo uma educação geográfica eficaz e capaz de sensibilizar e encantar.

DISCUSSÕES

Ao avaliar o resultado das atividades desenvolvidas, percebemos que os alunos, mesmo sem uma sequência didática específica e rígida e processos avaliativos formais, conseguiram compreender não apenas a Bacia do Rio Una e suas dinâmicas, mas também as questões subjetivas entre eles e os lugares, assim como entre a sociedade e a paisagem, que, em última instância, configura todas essas representações. Muito mais do que uma mera reprodução de toponímias de afluentes, eles conseguiram compreender a Bacia como um conjunto de lugares vividos e extrapolaram esses conceitos para outras realidades, criando uma mentalidade associativa e relacional.

A partir dos projetos de intervenções e apresentações, notamos que essa proposta favoreceu a construção coletiva não apenas de itinerários, mas de formas mais próximas de abordar um tema tão vital quanto a água e, assim, dialogar com a população. Observamos que tal abordagem aguçou a curiosidade, ao mesmo tempo que despertou sensações muito mais comovedoras e sensoriais do que a mera apreciação de maquetes.

Como pode ser visto, ao longo do percurso, utilizamos mapas, cartas temáticas, imagens de satélite, fotografias históricas, trabalho de campo, conceitos científicos e vivências na construção da aprendizagem. Para além disso, mobilizamos os sentidos, a criatividade e a espontaneidade, com desenhos, arte e produções literárias.

Nesse projeto, a professora e o professor buscaram ser mais do que instrutores, mas sim aprendentes. À medida que caminhavam com eles e se relacionavam com os entrevistados e observadores, também se transformava a compreensão sobre as formas de ensinar e enxergar a Bacia do Rio Una.

Diante de todas as dificuldades do fazer coletivo, creio que conseguimos construir um projeto que se tornou muito especial. Quem transforma também é transformado, assim a relação docente e discente também pode evidenciar uma pedagogia de afeto que realmente é transformadora, como nos orientou Paulo Freire em diversas situações. A experiência sempre é única, mas seu sentido pode ser mais universal, e o processo vivido marcado pela partilha entre sujeitos pode produzir mudanças relevantes no ato pedagógico.

Ao aliar as percepções corporais e as memórias, foi possível ampliar as visões dos participantes sobre a Geografia Escolar e seu papel agregador em uma visão

mais conjuntiva e proximal. A extensão dos sujeitos compreendendo que o conceito não está fora, e sim dentro de suas vidas, é um processo transformador. Com isso, acreditamos ser de extrema importância fomentar tais atividades que promovam a construção do olhar geográfico para outros inúmeros temas pertinentes à geografia.

Com a construção do projeto e suas possibilidades, aprendemos que na pesquisa não é importante apenas o alcançado, mas a tentativa não realizada precisa ser questionada, tensionada, problematizada. A gente aprende com o que não conquistamos também. Percebeu-se também que a aproximação do diálogo dos estudantes com a ciência geográfica, mediada pela experiência de seus espaços vividos, evidenciando que os conceitos nascem dessa relação. Compreendemos que, entre as muitas possibilidades de definir o que é geografia, poderíamos reconhecê-la, no âmbito escolar, como uma possibilidade de enraizar os educandos ao seu espaço vivido através da experimentação dos fundamentos geográficos, como demonstrou a execução do projeto.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. “Introdução”, p. 2-15 (paginação do PDF).

BORGES, Mavistelma Teixeira Carvalho & ALVES, Adriana Olivia. **Trabalho de campo em bacia hidrográfica no ensino de geografia e os componentes físico-naturais**. Revista Brasileira De Educação Em Geografia, 2020, 525-47. Disponível em <

https://rnpprimo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_46789_edugeo_v10i19_723> Acessado em Jan. 2022.

BORGES, Mavistelma Teixeira Carvalho. **A construção de conceitos no ensino de Geografia por meio do trabalho de campo em bacia hidrográfica**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais - IESA (RG) Programa de Pós-graduação em Geografia (IESA), 2018. Disponível em < <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9093>> Acessado em Jan. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, 2018. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> > Acesso em: 03/2021.

BRITO, Marcelo Sousa. **O teatro invadindo a cidade**. 1º Ed. Salvador: EDUFBA, 2012. 187 p.

_____. **Narrativas cartográficas: Teatro e Experiencias Urbanas**. 1ªEd. Salvador: EDUFBA, 2023. 153p.

_____. **O teatro que corre nas vias**. 1ªEd. Salvador: EDUFBA, 2017. 208p.

BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. Corpo-lugar e as “conchas do homem”: geografia e arte no cotidiano. In: DOZENA, Alessandro. **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020, p. 29-60.

CALLAI, HC. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2005. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>>Acessado em jan 2023.

CANTANHEDE, Vicente Passaglia Pereira & MARIANO, Maryelle Florêncio. **Atividade prática no ensino de geografia física com alunos cegos e baixa visão: um modelo tátil de uma bacia hidrográfica.** Para Onde!? 2019, 73-80. Disponível em< https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_224_56_1982_0003_97342> Acessado em Fev. 2022.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia.** 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.

CORRÊA, Leticia Ramires & RODRIGUES, Tuane Telles. **Contribuições do modelo 3d de bacia hidrográfica para o ensino de geografia.** Revista ensino de Geografia 2.3, 2019, p. 102-13. Disponível em< [https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_doaj_primary_oai_doaj_or g_article_24d752ac6bc44d1b8add377128d5781c](https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_doaj_primary_oai_doaj_org_article_24d752ac6bc44d1b8add377128d5781c) Acessado em Fev. 2022.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: Natureza da realidade geográfica.** Oficina de textos: 2015.

FONSECA, ADRIANO SANTOS. **A Experiência do Aluno-artista no Ensino Médio: Um Estudo de Caso numa escola da Rede Pública da Bahia.** Dissertação de Mestrado, Mestrado Profissional em Artes, Universidade Federal da Bahia, IHAC, Salvador, 2018.

GUERRA. A. T.; GUERRA. A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

KAERCHER, Nestor André. **Quando a Geografia crítica pode ser um pastel de vento.** Mercator, v. 3, n. 6, 2004. UFC, Fortaleza. 60

_____. **A Geografia escolar: gigante de pés de barro, comendo pastel de vento num Fast Food?** Terra Livre: Presidente Prudente. Ano 23, V.1, nº 28, Jan-Jun/ 2007. p.27- 44.

_____. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica.** São Paulo: Dep. de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004b. (Tese de Doutorado, 363p.)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática.** 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento.** Geosul. n. 49. Florianópolis. Jan/jun 2010b. p. 7-27.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. **O ensino das temáticas físico-naturais na geografia escolar.** Tese (Doutorado em Geografia (Geografia Física)) - Universidade de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Livia de. 2015. In: DARDEL, É. (2015). **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva.

PAIXÃO, S. J. C. (2011). **O meio é a paisagem: pichação e grafite como intervenções em São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROSS, J. L. S. **Reflexões sobre o ensino de geografia nos níveis fundamental e médio**. In: simpósio de Geografia física aplicada, 2003, Rio de Janeiro. X simpósio de Geografia Física Aplicada, 2003. v. ii. p. 03-18.

SANTOS, MILTON. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Terra: Feições Ilustradas - 1ªED.(2003). Organizador: editora: UFRGS.

TOMASONI, Marco Antonio. **Análise das transformações socioambientais com base nos indicadores para recursos hídricos no cerrado baiano: o caso da Bacia Hidrográfica do Rio de Ondas/ BA**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Pós-Graduação Em Geografia, 2008.

TUCCI, C. E. M. 1997. **Hidrologia: ciência e aplicação**. 2.ed. Porto Alegre: ABRH/Editora da UFRGS, 1997. (Col. ABRH de Recursos Hídricos, v.4).

TUNDISI, J. G. **A bacia hidrográfica como laboratório experimental para o ensino de ciências, geografia e educação ambiental**. In: SCHIEL, D. et al. (Orgs.). O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental. 2. ed. São Carlos: Rima, 2003. p. 3-8.